

CAPÍTULO 4

O GRUPO DE MÃES DO FACEBOOK

Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono. (Barros, 2010, p. 459)

No capítulo anterior, tratamos das palestras radiofônicas de Winnicott no pós-Segunda Guerra, destacando, em síntese, a ética do cuidado.

Neste capítulo, traremos alguns *posts* selecionados por temas do grupo de mães do Facebook e seus respectivos comentários, a fim de ilustrar a ética envolvida nesse grupo. A grafia do texto corresponde exatamente ao que consta no material encontrado na internet.

O grupo é composto, em sua maior parte, por mulheres-mães brasileiras com filhos de diversas idades. Para os fins deste trabalho, serão utilizados apenas os *posts* e comentários das mulheres-mães.

As **mídias digitais têm sido um espaço utilizado como diários** online para as mães que, movidas pela necessidade de ajuda, informação e compartilhamento falam de suas dúvidas e intimidades com outras mães desconhecidas.

Essa prática dos diários não é novidade, visto que desde o século XIX já existiam os diários íntimos, que era uma escrita burguesa de confissão **íntima e cotidiana da época. Muitos escritores** ficaram famosos com suas obras que possuíam uma escrita de si, como Montaigne, Goethe, Rousseau e Hoffmann (SIBILIA, 2003).

Todavia, ao compararmos os diários íntimos do século XIX aos diários online – a escrita de si nos blogs, nos grupos, nas redes sociais –, verificamos certas diferenças. O conteúdo dos diários online, ao ser postado na internet, tem grande visibilidade e

um vasto alcance público, ao passo que os diários íntimos permaneciam guardados em segredo e protegidos contra o olhar alheio.

Assim, Sibilia (2003) acredita que há uma interpenetração dos espaços público e privado e um declínio da interioridade psicológica na contemporaneidade. Os diários online têm como finalidade a construção e a espetacularização do eu, na medida em que o objetivo é ser visto.

Nessa linha, Sibilia (2009) ainda sustenta que nos tempos atuais o campo da intimidade transformou-se em material publicamente disponível e combustível que alimenta a voracidade consumista. Isso porque “o novo modelo é, antes de mais nada, um tipo subjetivo que deseja ser amado e desejado, que busca desesperadamente a aprovação alheia e, para obtê-la, tenta ter contatos e relações íntimas com os demais” (SIBILIA, 2009, p. 3). Daí a autopromoção do indivíduo ao expor sua vida privada e sua intimidade no ciberespaço.

Nesse sentido, o sujeito contemporâneo está acostumado a falar de si e de suas intimidades no espaço público da internet e, com muito mais razão, nos grupos com temas específicos, como os de maternidade. Ali, imagina encontrar pessoas com realidades parecidas com as suas, com as mesmas angústias e dúvidas.

Delimitando esse sujeito contemporâneo às mães, lembramos que Virginia Woolf (2019) afirmava que a mulher que pretende escrever ficção precisa ter um teto todo seu, ou seja, um espaço próprio para escrever, um espaço sagrado, sem que haja interrupções domésticas, conjugais ou familiares, sem interferências externas. Fazendo uma analogia a esse espaço sagrado woolfiano, o grupo de mães do Facebook pode ser considerado o teto de grande parte das mulheres-mães que o integram, que o utilizam como *holding* social na solidão da maternidade contemporânea.

Dentro desse contexto, apresentamos a seguir os temas e os *posts* selecionados da mídia digital mencionada para posterior discussão:

4.1 SENTIMENTO DE CULPA

Post:¹

Mãe 1 (04/05/2020) [Trabalhar fora]

Bom dia,

Vim pedir conselhos e experiências de mães que escolheram parar de trabalhar para ficar com os filhos.

O sentimento de culpa aqui está me abatendo cada dia mais, me sinto distante do meu filho, fico das 6h às 18h longe.

Me contem a experiência de vcs.

1 Acesso em: 25 maio 2021.

Comentários:

Mãe 2: *Oi, Mãe 1. Sou médica. Meu trabalho é parte muito importante da minha felicidade. Eu fiquei em casa até 10 meses, é, depois disso, senti falta de exercer minha profissão. Sei dos meus privilégios. Consigo arcar com os custos de uma babá maravilhosa enquanto eu trabalho. Essa é uma questão importante também. Então reflita o que o trabalho significa para vc. Pra mim, o meu trabalho é uma parte muito importante da minha felicidade. Tem dias que passo 12 h longe de casa, mas isso me faz aproveitar mais o tempo que tenho com a minha filha.*

Mãe 3: *Oi, Mãe 1! Vou ser muito sincera com você... agradeço todos os dias a oportunidade de poder ficar em casa com a minha filha, tenho certeza que foi o melhor pra ela e que nessa fase ela precisa da mãe e não dá escolinha... MAS...eu sempre trabalhei e sinto muito falta de ter minha independência e até mesmo de me sentir "importante" ...a maternidade não é valorizada, tenha isso em mente quando fizer a sua escolha... mas não me arrependo, faria novamente!*

Mãe 4: *Boa noite! Quando meu menino completou 4 meses tive que retornar ao trabalho. A culpa ainda aparece sempre e olha que ele está prestes a completar 3 anos. Fui abençoada por ele ter atingido grandes marcos do desenvolvimento em dias que eu estava em casa. Talvez de alguma forma, ele soubesse o quanto era importante e me presenteava com esses momentos. Enfim, voltar a trabalhar não foi uma escolha, foi necessidade. Se eu sofri? Sim, horrores. Ainda sofro. Mas hoje estou mais plena, fiz o melhor que pude e estive ao lado dele sempre que ele precisou. Aproveito cada momento que tenho com ele. "Sou a melhor mãe que ele poderia ter" é o que digo a mim mesma todas as vezes que bate a culpa...Faz parte. Seja qual for a sua escolha ou necessidade, siga seu caminho em paz.*

Mãe 5: *Eu parei e me arrependo muuuuuuuuuuuito! Não tem jeito, qualquer que seja a sua decisão você vai se sentir culpada.*

Esse *post* demonstra claramente o sentimento de culpa da mãe por trabalhar fora e ficar doze horas longe do filho. Os comentários das outras mães foram bem diversos, o que pode gerar mais dúvida e confusão, ou simplesmente mostrar a variedade de experiências possíveis de se relacionar com o trabalho.

Apenas o comentário de Mãe 2 convida a participante do grupo a uma reflexão sobre a sua questão, dizendo: "Então reflita o que o trabalho significa para vc" (grifos

nostros). As demais limitaram-se a falar de suas experiências de trabalhar fora ou ficar com o filho, sem fazer qualquer menção à participante.

É curioso observar que, apesar de os comentários serem bem diferentes, duas mães acham que a culpa faz parte da maternidade:

Mãe 4: “Sou a melhor mãe que ele poderia ter’ é o que digo a mim mesma *todas as vezes que bate a culpa...Faz parte.*” (grifos nossos)

Mãe 5: “*Não tem jeito, qualquer que seja a sua decisão você vai se sentir culpada.*” (grifos nossos)

Post:²

Mãe 6 (10/07/2021)

Bom dia! Tenho uma filha de 4 anos e acabo de receber o diagnóstico de que ela se encontra no espectro autismo, compatível com Asperger. Eu sempre desconfieei disso, desde que ela tinha uns 6 meses, porém as pessoas próximas diziam que eu estava louca e que não tinha nada demais nos sinais que ela apresentava. Bom, ao ter o diagnóstico a primeira sensação foi de alívio, por finalmente acabar aquela dúvida dentro de mim, pois minha pior dificuldade é em relação a educação (não cobro pq não está dentro da “realidade” dela ou cobro demais, ou deixo de cobrar e ela fica “sem educação”???) Porém agora vem um outro sentimento: a culpa. Culpa por ter demorado tanto para procurar atendimento, culpa por todas as vezes que cobre dela algo que ela não podia alcançar, culpa por cada grito e ataque de fúria que eu tinha quando eu me estressava com algo que ela fazia ou deixava de fazer, culpa por não ter cuidado do emocional dela todo esse tempo, culpa nem sei mais de que, mais uma culpa enorme que me dói o coração e me faz chorar. Além do mais estou perdida agora, sem saber o que fazer e qual o próximo passo. A neuropediatra encaminhou para atendimento com equipe multidisciplinar e na APAE fazem esse atendimento, porém não sei por onde começar. Me perdoem pelo texto enorme, mas estou MT angustiada e precisava desabafar.

Ah, em relação a ter um filho com TEA estou tranquila, ela só é uma criança especial, diferente, única, e isso a torna minha jóia mais preciosa.

2 Acesso em: 3 ago. 2021.

Comentários:³

Mãe 7: *Um abraço apertado pra vc! Ainda não sei como te ajudar prq estou em situação parecida. Meu filho sempre foi taxado como “difícil e sem limites”, apesar de todos os meus esforços. Até que comecei a desconfiar de que essa dificuldade dele de lidar com limites e regras, aprender, poderia ser algo por trás. Marquei neuropediatra pra ele. Estou esperançosa de ter um diagnóstico e poder saber lidar melhor com ele. A pediatra encaminhou pedindo pra investigar TDAH e TEA. Tbm me sinto muito culpada com o tanto que já perdi a paciência, não sabendo lidar com o fato de ele não entender muitas vezes o que explico. Vc poderia compartilhar um pouco das características que te fizeram desconfiar de TEA? Meu filho tem 3 anos e ouço continuamente que é cedo pra esse tipo de diagnóstico.*

Mãe 8: *Olá querida. Sinta-se abraçada tem um material muito bom sobre o autismo no YouTube em bioquímica do autismo e te dará um norte muito bom foi o que me ajudou nesse processo e tenho visto uma evolução boa no meu filho.*

Por esse *post*, observamos que a Mãe 6 sente alívio quando obtém um diagnóstico sobre a filha, pois é angustiante conviver com a dúvida. Sente culpa pelos cuidados dispensados à criança, pois imagina que deveriam ter sido melhores, dadas as suas condições especiais. Tem dificuldade de lidar com a ambivalência de sentimentos que possui em relação à filha, finalizando sua fala com uma frase ambígua: “*Ah em relação a ter um filho com TEA estou tranquila, ela só é uma criança especial, diferente, única e isso a torna minha jóia mais preciosa*” (grifos nossos).

No primeiro comentário da Mãe 7, notamos a empatia com a mãe que fez o *post*, ao dizer que vive uma situação parecida, também se sente culpada e já perdeu a paciência com o filho por não saber lidar com o problema. Aproveita o comentário para colocar suas dúvidas também, caracterizando uma troca de informações.

O segundo comentário, da Mãe 8, recomenda o material de vídeo do YouTube sobre autismo para a mãe que fez o *post*, como se o conteúdo da internet fosse capaz de amenizar as angústias maternas e como se a maternidade fosse vivida como uma operação, uma técnica.

Esses dois *posts* revelam o sentimento de culpa das mães, que representa um sofrimento e uma angústia e está intimamente associado à idealização da maternidade cultuada até os dias de hoje. Sob a influência das redes sociais, o ideal de mãe tem sido propagado com muito mais abrangência e de forma mais cruel. Se a mãe tem de ser perfeita e não pode falhar, o sentimento de culpa está sempre presente.

3 Acesso em: 7 dez. 2021.

Winnicott (1960/1999b, pp. 79-80) já refletia sobre o assunto:

É demasiado fácil idealizar o trabalho de uma mãe. Sabemos muito bem que todo trabalho tem suas frustrações; suas enfadonhas rotinas, e seus momentos em que seria a última coisa que qualquer pessoa escolheria fazer. Ora, por que razão a tarefa de cuidar de bebês e crianças pequenas não pode ser também vista nesses termos?

Winnicott pensa que a mãe não deveria ser perfeita para seu filho; bastava ser uma mãe suficientemente boa, humana, passível de cometer falhas na maternagem que seriam corrigidas pela atividade mental do bebê. A mãe suficientemente boa tenta se adaptar às necessidades do bebê e, se houver uma falta de cuidado ou uma negligência tolerável por ele, essa falha é convertida em êxito adaptativo (WINNICOTT, 1949/2000).

Atualmente, somos sempre insuficientes, porque é assim que o discurso capitalista nos escraviza a trabalhar mais, ganhar mais, consumir mais, pagar mais, cansar mais etc. E, nesse ciclo vicioso, estão as mães que tentam corresponder a um ideal de mãe contemporâneo demasiadamente exigente, impossível de ser alcançado. Ainda assim, alimentam a fantasia de que existem algumas mães que atingem esse ideal estampado nas mídias digitais: mães com corpos esculturais, mães sempre arrumadas, mães bem-sucedidas, mães felizes com seus filhos e seu parceiro, mães dedicadas aos filhos e que criam atividades lúdicas em casa etc.

De acordo com Ehrenberg (*apud* LE BRETON, 2018, p. 10):

Se as exigências morais se abrandaram, as coerções psíquicas invadiram o cenário social: a emancipação e a ação alargam desmedidamente a responsabilidade individual, elas aguçam a consciência de ser tão somente a si mesmo [...]. Por isso a insuficiência é para a pessoa contemporânea o que o conflito era para a da primeira metade do século XX.

As mães contemporâneas estão marcadas por esse discurso da alta performance, que exige sucesso, resultado, funcionalidade, produtividade. Os cuidados maternos também se transformaram em mais um produto do mercado de bens e serviços. Nesse raciocínio, temos hoje uma vasta rede de cuidadores terceirizados que se responsabilizam pelos bebês, crianças e adolescentes em substituição aos pais.

4.2 AMOR MATERNO

Post:⁴

Mãe 9 (30/12/2019) [Falta de conexão entre mãe e filha] [M. 1 ano e 4 meses]

Oi gente, venho triste, atrasada e sem chão pedir ajuda sobre uma falta de conexão entre mãe e filha, minha filha ignora absolutamente tudo que falo pra ela (seja pedindo pra não fazer algo ou chamando pra brincar, tudo mesmo), não obedece nem 1 vez por dia, é bem agressiva comigo e prefere qualquer outra pessoa do que eu. Nada desse comportamento ocorre com outras pessoas (salvo agressividade que ocorre com a tia que é criança), todos notam que ela obedece qualquer pessoa que não seja eu e me contam, além de preferir outros colos r outras pessoas até quando leva um tombo. Eu acabei com a minha vida quando engravidei sem planejar, desde então eu só a mão dela, vivo unicamente pra isso e sem grande apoio, psicólogo no momento não é uma opção, queria apenas alguma luz sobre como fazer uma filha gostar de mim, pra valer minimamente a pena todo esforço em ser mãe, pois sinceramente a cada dia que passa eu só consigo pensar que devia deixa-la com a minha mãe (que ela mesma prefere) e seguir a minha vida. Alguém tem alguma dica de como criar algum laço? Fazemos cama compartilhada, mama em livre demanda, toma banho comigo também, mas por ela só estaria na hora de mamar mesmo.

Comentários:

Mãe 10: *Mãe 9, eu passei muito estresse no pós parto, ansiedade, me achava uma péssima mãe porque perdia a paciência, estava sempre exausta, sem apoio. Cheguei a ter pânico. Tenta ajuda no serviço público mesmo, há bons profissionais, e medicação (se lhe for indicado pelo psiquiatra) vc pode pegar no serviço público também. Não se cobre, não se culpe, vc também precisa de acolhimento. Minha psicóloga é um grande apoio para situações que não tenho afinidade pra tratar com minha mãe. Torcendo por você.*

Mãe 11: *Sinto muito pela situação que está vivendo. Achei bem peculiar (diferente) a forma como fala da relação com a sua filha. Você disse que cuida dela, amamenta, compartilha a cama, etc. Mas como está a qualidade desse cuidado? Vi num vídeo da Isa Minatel outro dia, que mesmo mães que são*

4 Acesso em: 25 maio 2021.

cuidadasas com seus filhos caem numa situação chamada Eficiência Impessoal, como se cuidassem de forma automática, sem carinho e conexão. Como está o uso das telas? (Celular, televisão) Telas promovem desconexão. Você também diz que ela maltrata a tia que é menor que ela, e crianças costumam tratar os menores como são tratadas. Eu também tive problemas logo do nascimento do meu filho e acredito que se eu tivesse procurado ajuda profissional teria sido menos difícil. Recomendo á qualquer mãe, afinal não é fácil ser mãe na sociedade em que vivemos e em outras também.

Neste *post* verificamos que a Mãe 9 fala da falta de vínculo e da rejeição que sente de sua filha de 1 ano, “prefere qualquer outra pessoa do que eu”. Parece não associar seu ódio de ter engravidado sem planejar com o fato de a filha ignorá-la e ser agressiva com ela: “eu acabei com a minha vida quando engravidei sem planejar”. Para uma questão tão profunda que se apresenta, a mãe busca uma dica prática de como fazer a filha gostar dela, demonstrando sua resistência ao tratamento psicoterapêutico.

Sobre isso, Winnicott (1956/1999, p. 23) afirma:

É possível induzir a comer uma criança que pareça relutante em fazê-lo, mas não há nada que se possa fazer para tornar afetuosa uma criança insensível à afeição. Você pode inundá-la de afeição, mas tudo o que conseguirá dela é que se esquive, ora silenciosamente, ora com gritos de protestos.

No primeiro comentário, da Mãe 10, pode-se visualizar empatia, motivação e acolhimento, além da sugestão de profissionais especializados do serviço público. Já no segundo comentário, da Mãe 11, há uma atitude mais provocativa da mãe, com o intuito de questionar certos comportamentos da outra mãe, além de recomendar-lhe ajuda profissional.

Winnicott (1955/1999) comenta que há muitas mães que não amam seus bebês logo que nascem ou que odeiam seus bebês. Essas mães se sentem horríveis e fingem sentir amor por seus filhos com receio de serem julgadas e consideradas menos mães por isso. Todavia, o amor é uma questão de experiência, não acontece automaticamente.

O autor ainda reconhece que essas mulheres são comuns, que estão buscando exercer seu papel da melhor forma possível, e ressalta:

Há tanta coisa que é profunda e oculta na natureza humana que pessoalmente eu preferiria ser filho de alguém que possui todos os conflitos íntimos da natureza humana do que ter por mãe alguém para quem tudo é fácil e tranquilo, que conhece todas as respostas e é estranha à dúvida. (WINNICOTT, 1955/1999, p. 14)

Winnicott (1961/1999) escreve abertamente sobre a idealização do amor materno e a culpa materna. Salienta que há uma fantasia nas pessoas de que as mães e os bebês se amam reciprocamente, desde sempre, de uma forma muito irreal. Desse modo, ele autoriza a mães a darem lugar ao seu sentimento de culpa por não amarem seus bebês, ou não do mesmo jeito que suas mães as amaram.

Também sobre esse tema, Badinter (2011) afirma que muitas mulheres ainda hoje não avaliam os prazeres e os sofrimentos, os benefícios e as renúncias necessárias antes de engravidarem. Há uma cegueira materna em relação à maternidade, não sendo possível cogitar as dificuldades, os desafios e as mudanças que fazem parte dessa experiência.

A ambivalência da maternidade permanece recalcada, ainda, pelos discursos fantasiosos de plenitude, de pura felicidade, de otimismo ingênuo, como se ter um bebê fosse somente uma experiência mágica, sem os momentos de angústia, desespero, dor, cansaço e outros sentimentos singulares a cada mulher.

A Mãe 9 parece esperar uma recompensa futura pelos esforços em ser mãe e recorre ao grupo como uma última tentativa desesperada e desesperançosa em se responsabilizar, pois logo diz que pretende deixar a filha com sua mãe e seguir a vida. O que a Mãe 9 talvez ignore é que,

se as coisas correram bem, as crianças nunca agradecem, pois não têm conhecimento desse fato. Há na família uma grande área de débito não reconhecido, que não é débito algum. Ninguém deve coisa alguma, mas ninguém atinge a maturidade estável quando adulto se alguém tivesse se encarregado dele ou dela nas etapas iniciais. (WINNICOTT, 1968/2011, p. 141)

O que podemos observar é a falta de maturidade emocional e as vulnerabilidades da Mãe 9 diante de sua filha de 1 ano e a necessidade de reconhecimento como boa mãe, apesar de todos os desencontros com a filha.

4.3 BURNOUT MATERNO – O ESGOTAMENTO DA MATERNIDADE

Post:⁵

Mãe 12 (08/09/2021)

Olá, queria saber se sou só eu ou mais alguém passando por isso, vamos aos fatos:

Meu bebê se chama F. tem 1 ano e 2 meses, ele é um grude comigo e na minha

5 Acesso em: 25 maio 2021.

falta é com o pai dele, não vai com ninguém e quer colo o dia todo. De uns tempos pra cá ele começou a dar uns gritos muito agudo quando é contrariado, passo o dia todo com ele chorando, gritando e no colo, e eu acalmando, escondendo as coisas para ele não ver e querer, cansada e frustrada por não conseguir fazer nada em casa ou do meu trabalho (freelancer), meu marido trabalha e ajuda sempre que pode, mas não tem sido o suficiente.

Acontece que estou com “Burnout” e sinto dores pelo corpo todo, já fiz os exames e segundo a médica não encontrou nada que justificasse tanta dor, além de um estresse”, não tenho uma rede de apoio física, tenho muita ajuda online, por whatsapp, mas em presença msm não foi possível até agora, minha sogra se ofereceu pra ajudar, mas o bebê não vai com ela, fizemos várias tentativas, ele faz uma farrá com ela, mas é só perceber minha falta que o choro rola solto, o suficiente pra eu ter que voltar pra casa. As escolinhas da minha região estão sem vagas e somente no ano que vem para conseguir colocá-lo, me sinto arrasada e a pior mãe por estar tão cansada o tempo todo, por me irritar em alguns momentos com ele, e por ouvir que devo deixar ele chorar ou ser mais firme com ele e não conseguir ser assim.

(Escrevendo e chorando)

Comentários:

Mãe 13: *Tenho um bebe de 1a2m tb e entendo o que está passando. Aqui em casa de uns meses pra cá o que mais escuto são os gritos e choro dele. O que tem me auxiliado é tentar ser mais presente possível. Fiz alguns brinquedos de reciclados, e como ainda esta calor aqui temos brincados no quintal de casa todos os dias. Tb levo ele passear pela manhã e tarde. Sei que é exaustivo mas percebi que quanto mais atenção dou a ele mais tranquilo ele fica. Tb espero que essa fase passe logo. Força pra nós.*

Mãe 14: *Sinta-se abraçada, pois por aqui estou passando por algo parecido mas ao invés de gritar meu filho da tapas (nunca bati nele, e sou contra palmadas para educar) o que me deixa frustrada. Não tenho rede de apoio e é impossível ter uma no momento, pois mudei de país. Por aqui vamos vivendo um dia de cada vez, e tento me dedicar a ele, deixando até msm os serviços da casa para depois. Sei o quanto é exaustivo, mas tenho em mente que logo ele irá crescer, e não desejará mais o meu colo.*

O *post* trata do estado de esgotamento materno (*burnout*) ou cansaço excessivo da mãe decorrente dos cuidados com o filho e com as demais tarefas que tem que exercer no âmbito doméstico e no trabalho.

Winnicott (1964/2013c, p. 149) reconhece o trabalho que é cuidar de um filho e o quanto isso exige responsabilidade das mães. A função materna é, por si só, cansativa:

Os filhos são um fardo, e se trazem alegria é porque são desejados, e duas pessoas decidiram aceitar essa espécie de fardo; na verdade, concordaram em chamar-lhe não um fardo, mas um bebê. [...] as mães podem sentir prazer em lavar e costurar, mas não esqueçamos o trabalho e a abnegação de que tudo isso implica.

O primeiro comentário, da Mãe 13, começa com palavras de acolhimento, “entendo o que está passando”; porém, em seguida, traz ideias opressoras quando descreve o excesso de atividades que faz com o filho: “O que tem me auxiliado é tentar *ser mais presente possível*. Fiz alguns *brinquedos de reciclados*, e como ainda está calor aqui temos brincados no *quintal de casa todos os dias*. Tb levo ele *passar pela manhã e tarde*. Sei que é exaustivo mas percebi que *quanto mais atenção dou a ele mais tranquilo ele fica*” (grifos nossos).

Esse comentário pode gerar mais ansiedade na mãe que fez o *post* e que já se encontra em um estado de exaustão. Ao propor para ela fazer mais coisas do que já faz, só agravaria a sua situação. Portanto, pensamos que a Mãe 13 não considerou a realidade e o estado emocional em que a Mãe 12 se encontrava, não auxiliando com seu comentário.

É curioso observar o pensamento que está implícito nesse comentário. Como bem comentou Furedi (2008), os especialistas em educação infantil constantemente aconselham os pais a não perderem oportunidades de se comunicarem com seus filhos e estimulá-los. Deixá-los sem fazer nada, no ócio, é o mesmo que perder tempo. O autor afirma que nos Estados Unidos a hiperparentalidade se tornou um modo de vida. A expansão desse fenômeno atingiu nível internacional.

Podemos definir a hiperparentalidade como uma cultura contemporânea da preocupação com a constante estimulação infantil. O estabelecimento dessas normas sociais fez com que os pais passassem mais tempo com os filhos e que as atividades para crianças fomentassem um grande mercado.

Todavia, muito embora atualmente os pais tenham maior tempo de convivência com os filhos se comparado com décadas anteriores, há sempre alguém para criticar a conduta dos pais, prejudicando sua saúde mental com tantas exigências: “se a sociedade continuar atribuindo uma série de problemas às falhas percebidas pelos pais, a neurose e o estresse podem aumentar” (FUREDI, 2008, p. 96).

O segundo comentário, da Mãe 14, descreve a sua experiência pessoal de exaustão da mãe e finaliza consolando a outra mãe: “Sei o quanto é exaustivo, mas tenho em

mente que logo ele irá crescer, e não desejará mais o meu colo”. Há uma palavra de solidariedade com a outra mãe, ao se identificar com os mesmos dramas.

Post:⁶

Mãe 15 (15/09/2020)

Gente, meu filho tem 2 a 3 m e me bate. Sério, ele me bate bem forte, de machucar mesmo. Muitas vezes é porque está frustrado comigo por algum motivo, mas muitas vezes é pra descontar a raiva, tipo mamãe = saco de pancadas. Hoje acordou, procurou pelo pai e eu disse que estava trabalhando. Ele começou a me chutar na cama. Fui falando pra ele bater no chão e ele gritando que não queria bater no colchão. Eu tentando sair e ele POF POF em mim... fiquei com medo de me afastar muito e ele cair da cama, então só fiquei em pé, mas aí ele começa a gritar. Ele fica ainda mais bravo se eu saio. Às vezes vem atrás de mim, me segura com uma mão e me bate com a outra. Eu tento dizer que bater não pode, que me machuca e eu fico triste, que entendo que ele esteja com raiva, ou que ele esteja confuso com o que está sentindo, mas parece que não adianta. Sabe, eu não consigo simplesmente segurar a mão dele com gentileza, pq é tanta força que eu também tenho que segurar com força e ele fica indignado. Sei mil teorias, mas na prática vai tudo para os ares. Parece que eu tenho a faca e o queijo na mão, mas simplesmente não sei cortar...Acho que estou perto de um “burnout” materno, e uma coisa vai puxando a outra. No final, só consigo chorar e me sentir miserável, por apanhar dele, por não conseguir agir, por gritar “paaaaara!!”...OBS: ninguém da família é agressivo. Em outros momentos ele é carinhoso e alegre.

Comentários:

Mãe 16: *Use a oração pela criança quando está dormindo...peça a calma dela quando acordar...oração sempre ajuda o ambiente e mães tem a calma para lidar com estas situações.*

Mãe 17: *Eu pratico bastante hōōponopono pra mim funciona.*

Mãe 18: *Tenta buscar ajuda psicológica para descobrir o motivo disso e formas dele descontar a raiva.*

Mãe 19: [Administrador]

Olá, Mãe 15! Muitas vezes nessa jornada de nos tornarmos mães nos deparamos com coisas e com situações que nos tiram do eixo. Como você mesma disse, sabemos mil teorias, mas nem sempre a prática funciona como imaginamos, pois é realmente mais fácil nos livros... a teoria não abrange como estamos nos sentindo, como está nossa rede de apoio, como exatamente a criança está e se comporta. Sem contar que cada ser humano é único e cada relação é única, então como e quanto tempo vai precisar para algumas coisas funcionarem pode variar muito. Uma coisa muito importante a ser colocada é que não podemos nunca confundir uma educação respeitosa com permissividade. As crianças precisam de pais (cuidadores no geral) que lhes coloquem os limites com gentileza, que sejam margem para que eles possam fluir como um rio. E quando colocamos alguns limites, não podemos esperar que eles aceitem, não chorem, entendam e não reclamem. Eles vão reclamar, e cabe a nós acolher a frustração e o choro, explicar e direcionar como eles podem lidar com os sentimentos que surgem. Impedir que a criança te bata (ou se machuque) faz parte disso. O seu filho está frustrado, triste, com raiva, e não está sabendo lidar com isso (ele tem apenas 2 anos e não tem capacidade de autorregulação, de se acalmar sozinho). A forma que ele encontrou foi te bater, e cabe a você mostrar para ele que isso não é aceitável. Abaixar e ficar olhos nos olhos, segurar, abraçar se ele permitir, nomear o sentimento e firmemente (firme e gentil, sem grito) dizer: “vc está xxx (sentimento) e tem vontade de me bater, mas não vou permitir que você me machuque”. Ofereça alternativas (almofada, bater os pés, assoprar a velinha, sentir o coração...), e se ele não aceitar no momento, afaste-se explicando (“vou me afastar pq não vou permitir que você me machuque”). Sim, ele virá atrás de você, ele está em uma crise (lembre-se que nessa idade ele não tem capacidade de autorregulação!), e você pode dizer que você o ama e vai abraçá-lo. Mas para tudo isso é necessário manter-se inteira, sem se alterar ainda mais com ele. É um exercício muito difícil por vezes. Acontece muitas vezes aqui em casa também, eu não consigo sempre lidar, e nesse momento eu digo claramente que preciso sair de perto porque não estou conseguindo me manter calma. Se tem alguém em casa para me ajudar, chamo. Se não, deixo-a em um lugar seguro e vou tomar um copo de água, lavar o rosto, respirar. Claro que o choro continua, que ela vem atrás de mim, mas eu respiro, me abaixo e recomeço. Mãe 15, lidar com sentimentos como a raiva, tristeza e a frustração de nossos filhos pode ser muito difícil porque tendemos a ver esses sentimentos como negativos e queremos a todo custo amenizá-los e ver nossos filhos bem. Mas

todos os sentimentos são parte da vida. E nossos pequenos precisam aprender através da nossa ajuda a lidar com eles da melhor forma possível. E não acabar com eles a todo custo (virando até saco de pancada!). E como você mesma disse, seu filho não é assim o tempo todo, Ninguém é uma coisa só. E nos momentos de conexão, em que estão fazendo algo gostoso juntos, lembre ele que bater em você não é aceitável e que você vai sempre lembrá-lo disso nos momentos necessários e oferecer xxx para ele se descarregar. Não precisa fazer isso sempre, mas eventualmente, na calmaria após uma crise, como um lembrete gentil. Ele pode até ajudar a escolher a melhor forma. Você precisa além de tudo se cuidar. Se acha que está a ponto de um Burnout materno, o que é possível, procure ajuda. Seja gentil com você, nossos gritos são pedidos de ajuda. Converse com sua rede, tire um tempo de qualidade para você sempre que possível. Organize-se com o pai para que você possa se cuidar diariamente. Parece impossível, eu sei, porque os filhos demandam, mas é preciso se organizar aos poucos. Nada muda de um dia para o outro. E conte sempre com [nome do grupo] como sua rede de apoio virtual.

Aqui temos outro *post* sobre *burnout* materno: uma situação em que uma mãe apanha de seu filho de 2 anos e 3 meses, não consegue conter a agressividade da criança e fica exausta por não saber lidar com isso. Ressalta que perde o controle e chora muito, e que ninguém na família é agressivo.

O primeiro comentário, da Mãe 16, recomenda a oração enquanto a criança estiver dormindo, para que ela se acalme, o ambiente e a mãe também.

O segundo comentário, da Mãe 17, menciona a prática de *ho'oponopono*, afirmando funcionar.

O terceiro comentário, da Mãe 18, indica ajuda psicológica.

O quarto comentário, da Mãe 19, faz, de fato, uma intervenção que aponta para uma reflexão respeitosa: “Sem contar que cada ser humano é único e cada relação é única, então como e quanto tempo vai precisar para algumas coisas funcionarem pode variar muito. Uma coisa muito importante a ser colocada é que *não podemos nunca confundir uma educação respeitosa com permissividade*. As crianças precisam de pais (cuidadores no geral) que lhes *coloquem os limites com gentileza*, que sejam margem para que eles possam fluir como um rio. E quando colocamos alguns limites, não podemos esperar que eles aceitem, não chorem, entendam e não reclamem. Eles vão reclamar, e *cabe a nós acolher a frustração e o choro*, explicar e direcionar como eles podem lidar com os sentimentos que surgem. *Impedir que a criança te bata* (ou se machuque) faz parte disso. O seu filho está frustrado, triste, com raiva, e não está sabendo lidar com isso (ele tem apenas 2 anos e não tem capacidade de autorregulação, de se acalmar sozinho). A forma que ele encontrou foi te bater, e *cabe a você mostrar para ele que isso não é aceitável*” (grifos nossos).

Além disso, a Mãe 19 humaniza o que está acontecendo com a Mãe 15 ao admitir que também falha muitas vezes: “*Acontece muitas vezes aqui em casa também, eu não consigo sempre lidar, e nesse momento eu digo claramente que preciso sair de perto porque não estou conseguindo me manter calma. Se tem alguém em casa para me ajudar, chamo. Se não, deixo-a em um lugar seguro e vou tomar um copo de água, lavar o rosto, respirar. Claro que o choro continua, que ela vem atrás de mim, mas eu respiro, me abaixo e recomeço*” (grifos nossos).

E, finalmente, a Mãe 19 faz recomendações para a outra mãe cuidar de si: “*Você precisa além de tudo se cuidar. Se acha que está a ponto de um Burnout materno, o que é possível, procure ajuda. Seja gentil com você, nossos gritos são pedidos de ajuda. Converse com sua rede, tire um tempo de qualidade para você sempre que possível. Organize-se com o pai para que você possa se cuidar diariamente. Parece impossível, eu sei, porque os filhos demandam, mas é preciso se organizar aos poucos. Nada muda de um dia para o outro. E conte sempre com com [nome do grupo] como sua rede de apoio virtual*” (grifos nossos).

As mães da contemporaneidade vivem exaustas por vários motivos. Têm de assumir uma série de atividades diárias como o cuidado consigo, com os filhos, com a relação amorosa, com o trabalho (carreira), com as tarefas domésticas, com o gerenciamento do lar e com o denominado trabalho invisível⁷ (comprar presente para o aniversário do amigo da escola, verificar se a roupa da criança ainda serve etc).

Por mais que se tenha avançado um pouco em termos de a mulher conquistar alguma expressão no espaço público e nas suas relações afetivas, a divisão das tarefas domésticas ainda é injusta e desigual, recaindo, em sua maior parte, sobre as mulheres. Assim também o é no tocante à responsabilidade pelos cuidados com os filhos, que continua sendo considerada uma atribuição natural feminina, independentemente da classe social.

Infelizmente, é muito comum ouvir de homens supostamente esclarecidos e com alto nível de escolaridade e intelectual que ajudam suas mulheres a cuidar dos afazeres domésticos e a cuidar dos filhos. Não há a internalização do conceito de responsabilidade parental, pelo menos não na sociedade brasileira. Também é curioso observar a existência de poucos grupos virtuais compostos apenas por pais, o que reforça a crença de que o cuidado dos filhos não é uma questão que circula no meio masculino com as mesmas frequência e preocupação que as que se apresentam nos grupos formados por mães.

Além disso, muitas mulheres aceitam como sendo sua total responsabilidade essas tarefas, não questionando com o parceiro a divisão entre eles. Outras sequer têm consciência de que a responsabilidade da casa e dos filhos cabe ao casal, e há aquelas que reivindicam o compartilhamento das atividades, mas sempre é necessário insistir, negociar e convencer o parceiro. Em poucos países, exceto os escandinavos, pensa-se em modificar essa divisão de tarefas domésticas de forma mais igualitária (BADINTER, 2011).

7 Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732_315309.html?pr-m=enviar_email. Acesso em: 1 jan.2021.

De acordo com Badinter (2011), a injustiça na divisão das tarefas domésticas aparece num lar logo que um bebê nasce, prejudicando as mulheres, que ficam com a maior responsabilidade na execução dessas atividades e nos cuidados com os filhos, ao passo que os homens se dedicam mais ao trabalho profissional. Dessa forma, nota-se um desequilíbrio nas obrigações entre homens e mulheres, haja vista que elas acabam renunciando à carreira profissional, à remuneração, à cultura e à vida pessoal.

Outra questão importante é a alta exigência dos homens em relação às mulheres nos cuidados com os filhos. Persiste a crença de que a mãe é a grande encarregada pelos cuidados dos filhos e por dar limites a eles, como se essa não fosse também uma responsabilidade paterna.

Nota-se, ainda, o paradigma do maternalismo, fator responsável pelo sentimento de culpa das mulheres-mães. Ao considerar os cuidados com os filhos como deveres fundamentais das mães, a desigualdade da condição das mulheres se torna ainda maior. Toda dedicação materna está voltada ao amor do filho. É o que se propaga no discurso social. Com esse paradigma, notamos que “é o inocente bebê – à sua revelia – que se tornou o melhor aliado da dominação masculina” (BADINTER, 2011, p. 122).

As mães atuais estão cada vez mais sobrecarregadas pelo acúmulo de funções de cuidado com os filhos com as obrigações domésticas, profissionais, familiares e sociais. Falta-lhes uma rede de apoio para conseguir desempenhar saudavelmente seus papéis. Nota-se que, por mais que certas vezes tenha o auxílio de seu(sua) companheiro(a), da família ou mesmo de um(a) profissional para cuidar de seus filhos, ainda hoje a maior responsabilidade pelo cuidado dos filhos continua sendo atribuída às mulheres-mães, sendo exceções os casos em que os pais têm papel mais atuante. Ao menos é isso o que acontece em muitos lares na realidade brasileira.

Por essa razão, tanto no passado como atualmente, é tão frequente encontrarmos mães insatisfeitas e arrependidas em relação à maternidade.

Entre 2008 e 2011, a antropóloga Orna Donath, guiada pelo próprio desejo de não ser mãe desde os seus 16 anos, decidiu realizar uma pesquisa com o objetivo de investigar se as mulheres se arrependem de serem mães, o que resultou no livro *Mães arrependidas* (2017). Donath constatou que muitas das mulheres entrevistadas se encaixavam na categoria de mães arrependidas após responderem negativamente às seguintes perguntas: “*Se você pudesse voltar atrás, com o conhecimento e a experiência que tem agora, ainda assim se tornaria mãe? Do seu ponto de vista, há vantagens na maternidade?*” (grifos nossos) p.16. Para essas mães, a experiência da maternidade foi um erro, e é vivida com sofrimento.

A partir da escuta dessas mães que se arrependeram de ter filhos, a autora percebeu que essas mulheres chegavam à maternidade de forma inconsciente, sem qualquer reflexão ou elaboração sobre o que é ser mãe e se havia de fato o desejo de sê-lo. As mulheres arrependidas são aquelas que se tornam mães devido às pressões sociais, internas ou do cônjuge; almejam algo por meio da maternidade, como não se sentirem excluídas do grupo social; têm filhos como uma consequência “natural” do casamento e da vida; não pensam no assunto, não sabem o que significa ser mãe, trazer um filho ao mundo, que tipo de mãe podem ser.

Recentemente, em uma sessão de análise, a paciente G., ao me contar sobre suas dificuldades em lidar com a possibilidade de sua própria finitude e a de seus pais, com muita angústia revela seu arrependimento de ter tido um filho (atualmente com 2 anos), pois agora tem mais uma pessoa com quem deve se preocupar. G. não suporta pensar na perda de quaisquer de seus entes queridos, mesmo não havendo nenhum risco iminente de grave doença ou morte de nenhum deles. Não quer transmitir ao seu filho o peso de ter que enfrentar a sua ausência um dia.

Ao visualizar os *posts* das mães da mídia digital de que trata esta pesquisa, o que mais se destacam são as palavras “cansada”, “exausta”, “irritada”, “estressada”, “esgotada”, “perdida”, “desesperada”, “frustrada”. Esses adjetivos revelam o grande e comum mal-estar tão presente no universo materno, que independe do momento histórico.

4.4 INSEGURANÇA, CRÍTICAS E JULGAMENTO

*Post:*⁸

Mãe 20 (02/06/2020)

Ola, Sou Mãe 20 e tenho três filhos, A. de 4 anos e meio, B. de 1 ano e 9 meses e C. de 3 meses. Uma rotina bem interessante... Rsr. Muitas críticas pela quantidade de filhos e tb por serem pertinho. Tive duas perdas antes da primeira filha e essa dor é muito grande, e desde então eu e meu marido nos abrimos a maternidade e paternidade. Agora com os três estamos fazendo o método belling para espaçamento, não sabemos se teremos mais filhos, mas também não queremos usar nem um método contraceptivo. Hoje meu pedido é de orientação de como deixar a rotina menos pesada e principalmente dividir a atenção na medida certa, pois entendo que cada um dentro da sua idade tem uma necessidade diferente, mas quais? Estou muito insegura, com medo de errar e causar traumas neles, inseguranças... Coisas que possam prejudicar eles na vida adulta.

A., a mais velha, é muito amorosa com o menor, já pede mais um irmão, na verdade agora quer uma irmã que até deu nome e fala dela como se já existisse. Ela ficou mais brigona com o irmão mais velho quando o menor nasceu e gosta muito de desenhos. O B., do meio, esta sendo minha maior preocupação, briga com a irmã, quer os brinquedos dela mas não divide os dele. Ele chora muito e faz manha de se jogar no chão e o pior é que não se entrega pro sono, dorme muito tarde e ainda chorando. Os dois mamaram no peito até

8 Acesso em: 25 maio 2021.

um ano, pararam sozinhos. Hoje mamam na mamadeira. C., o menor é um doce, dorme bem, mama bem, fica bonzinho no carrinho enquanto atendo os irmãos e faço algumas coisas em casa. Acredito que a falta da escolinha, o isolamento esteja prejudicando tb, pq eles não gastam energia como antes e eu não tenho energia pra gastar com eles...Rsrs. O pai ajuda em tudo e tb brinca muito com eles, mas não é o bastante. Sou grata a minha famílias e não estou reclamando, meus filhos diante de tudo são boas crianças, mas sei que posso fazer a nossa rotina ser ainda melhor e gostaria de saber como.

Comentários:

Mãe 21:

Essa briga entre os mais velhos é normal, infelizmente. Vc pode assistir filme com eles, brincar de massinha, lego (aqueles maiores), desenhar, ler livrinhos, dar banho em todos ao mesmo tempo. Os momentos individuais vão acontecer de um jeito ou de outro ao longo do tempo. Não se prenda a isso. Na hora de dormir, vc pode passar uns minutinhos com cada um. Aproveite cada momento em família, banho, refeições, tv e vai conversando com eles, brincando, rindo. Esse momento passa voando. Ps: seu post poderia ter sido escrito por mim mesma 4 anos atrás. Essa cobrança por dar conta de tudo, principalmente de não causar nenhum trauma neles me levou a uma depressão. Os meus filhos tem 9,6,4 e 7 meses.

Mãe 22:

Gente como é difícil brincar com 2 criança cidade tão diferente como eu é difícil de jogar na brincadeira aqui é c uma no braço brincando de uma coisa e outra maior brincando de professora por exemplo.

O post trata de um pedido de ajuda de uma mãe que possui três filhos pequenos – com 4 anos, 1 ano e 3 meses – e se sente insegura por não conseguir programar uma rotina leve para eles. Teme errar e causar traumas nos filhos. Revela que tem ajuda do companheiro, mas que não é suficiente. Fica justificando as suas inseguranças e dúvidas afirmando que não está reclamando, que agradece a sua família, que seus filhos são boas crianças, como se qualquer característica que estiver fora de seu imaginário maculasse o seu ideal de mãe: “Sou grata a minha famílias e não estou reclamando, meus filhos diante de tudo são boas crianças” (grifos nossos).

Questiona às demais integrantes do grupo sobre como melhorar a rotina dos filhos, sem perceber que ela é que convive e que conhece a individualidade de cada filho. Apesar de a Mãe 21 ter sugerido algumas atividades que ela poderia fazer com

os filhos em casa, pensamos ser complicado determinar o ritmo de uma família a partir de um padrão, de um modelo do outro.

O comentário da Mãe 22 é mais autêntico, ao menos demonstra a dificuldade em ter que promover brincadeiras diferentes para crianças com idades diferentes.

Verifica-se que a Mãe 20 apresenta uma fantasia de infalibilidade de si mesma e de onipotência que a faz sentir muito medo e insegurança no cuidado dos filhos. Diz que tem medo de errar e de gerar traumas neles, como se o contrário fosse possível: “*Estou muito insegura, com medo de errar e causar traumas neles, inseguranças...* Coisas que possam prejudicar eles na vida adulta” (grifos nossos).

Lembramos uma passagem em que Winnicott (1968/2020b, pp. 108-109) afirma:

no começo há dependência absoluta, e o ambiente sem dúvida é relevante. Assim, de que maneira os bebês conseguem superar as complexidades das primeiras fases do desenvolvimento? Temos certeza de que um bebê não se torna uma pessoa se houver apenas um ambiente não humano; nem mesmo a melhor máquina pode fornecer o que é necessário. Não são os seres humanos que são necessários, e seres humanos são, essencialmente, humanos – ou seja, imperfeitos –, livres de qualquer previsibilidade mecânica. O uso que o bebê faz do ambiente não humano depende do uso prévio do ambiente humano.

Ao discutir sobre um ambiente saudável ao desenvolvimento emocional do indivíduo, Winnicott (1969/1999) nunca idealizou pais perfeitos para os filhos, que não erram, não falham, mas pais suficientemente bons, pais humanos. Entende-se por suficientemente bons aqueles pais que são eles mesmos, coerentes consigo, que tenham erros e acertos, pessoas de verdade que viabilizem a construção da confiança com seus filhos.

Fulgencio (2012), em entrevista à *Folha de S. Paulo* em 5 de junho de 2012, definiu o que é uma mãe suficientemente boa nos dias de hoje:

É aquela que, ao suprir as necessidades do filho, cria a possibilidade de ele ter fé na vida, nas pessoas. A função materna sempre foi cuidar. A matriz do amor é o cuidado, não ficar dizendo que ama e dando explicações sobre como as coisas devem ser.

O psicanalista ainda complementou que a maternidade é muito complexa e que é melhor a mãe errar tentando descobrir o seu jeito de maternar do que acertar seguindo uma cartilha.

O pedido de ajuda da Mãe 20 na orientação da rotina com os filhos conduz à perda da sua espontaneidade e da espontaneidade de seus filhos na hora do brincar, por exemplo. A rotina poderia ser pensada por ela, a mãe, ao passo que as atividades lúdicas poderiam ser criadas com os filhos.

A despeito de tantas dificuldades e surpresas reais que a maternidade apresenta, infelizmente ainda permanece uma idealização no imaginário das mães que as faz sofrer. Mais que isso, a idealização da maternidade parece ser uma meta pré-estipulada por cada mulher já na gravidez, momento em que já está sob o jugo de outras mulheres sobre como deve experienciar a maternagem, o que deve fazer, qual é o certo, o que tem que seguir etc.

Circula entre as mães o ideal a ser cumprido de super-heroína, de ter de dar conta de tudo ao mesmo tempo: dos filhos, da parceria amorosa, do trabalho (carreira), da gestão do lar, dos cuidados com o corpo. Esse imperativo social sequer é questionado pela maioria das mulheres, que ingenuamente ainda creem existir alguém que consiga cumprir esse ideal (IACONELLI, 2019).

Apesar de existirem vários tipos de mães nos dias de hoje, Iaconelli (2019) apresenta uma visão mais otimista e tece elogios às mães do século XXI, dizendo o quanto se esforçam para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, preocupando-se com a relação, o diálogo, a intimidade e o cuidado com eles.

Para a autora, essa é uma grande diferença em relação à criação de gerações passadas, destacando-se como um ponto positivo. Além disso, indica que uma grande contribuição da parentalidade deste século para as futuras gerações seria se as mães criassem seus filhos para que pudessem ser no mundo e sustentar isso em sua totalidade.

4.5 SENSIBILIDADE A CRÍTICAS E JULGAMENTO

*Post:*⁹

Mãe 23 (17/11/2020)

Olá grupo,

Tô um tanto desapontada comigo já li esses livros todos sobre educação quando estou com pessoas do meu convívio q tem crianças não consigo me posicionar não sei se por medo das críticas ou se por ainda errar muito e muitas vezes não praticar o q diz nos livros, eu simplesmente fico muda sem conseguir sair uma palavra da minha boca. O que acham?

9 Acesso em: 25 maio 2021.

Comentários:**Mãe 24:**

Você tem filhos? Pq se não, isso é usado contra a gente, não importa a formação, se é ou não professora, se leu um zilhão de livros, sempre usam não ter filhos como argumento e acabam com a gente sofri muito com isso, hoje tenho o meu e ponho tudo o que li em prática! E o “quando você tiver filho você vai ver” ficou bem pra trás!

Mãe 25:

Eu me informei bastante, mas sei que nem sempre vou seguir aquilo que sei que é o certo. E também não falo sobre o que aprendi com ninguém, a não ser meu marido, minha mãe. Ou nós grupos que participo, onde as pessoas realmente estão procurando se informar. Ou caso alguém me pergunte. Já ouvi opiniões clássicas, tipo dar papinha, usar chupeta, não deixar dormir mamando, não ter gato em casa, etc etc. As poucas pessoas que vi nessa pandemia me perguntam se usar o sling não é desconfortável pro bebê, se ele pode dormir no sling... Eu só explico como faço e só me justifico quando a pessoa pergunta ou vejo que ela tem uma curiosidade genuína, senão na maioria das vezes não vale a pena explicar, as pessoas já tem duas convicções sobre como cuidar de uma criança.

O post trata da dificuldade da mãe de se posicionar com seu saber materno e sua insegurança por medo de críticas, ou de errar, ou de não sair como nos livros.

Essa é uma questão interessante, pois, se compararmos as figuras de cuidadores de uma criança, a mais criticada por tudo o que acontece com a criança ainda é a mãe.

Infelizmente no século XXI, ainda presenciamos as mulheres e as mães sendo alvos frequentes de julgamento e vigilância por parte da família e de toda a sociedade. O psicólogo Alexandre Coimbra Amaral (2020), em entrevista concedida à *Revista Encontro* se manifestou sobre o assunto:

O mundo te vigia ser mãe e, quando você erra, é raro receber apoio. O que se recebe é julgamento. É raro se ver o apoio a uma mãe quando ela está impossibilitada de dar o melhor para o filho. Se você está em uma praça e vê uma mãe nervosa, brigando com o filho de forma desmedida, ninguém vai lá dar apoio. As pessoas ficam fofocando, criticando, olhando apenas. A mãe ter de lidar com a sensação de fracasso e mais o olhar de julgamento é muito pesado. A função materna é a função mais julgada da sociedade. É ao mes-

mo tempo a mais idealizada e a mais julgada. Essa expressão, que é muito comum a gente ouvir, “quem pariu Mateus que o embale”.

A mesma cobrança não é direcionada aos homens, o que torna a maternidade ainda mais opressiva e cruel com as mulheres.

Esse mar de críticas a que as mães são expostas diariamente forçam-nas a questionar o seu maternar e, muitas vezes, buscar em livros, revistas e em mídias digitais o saber sobre os cuidados maternos. Muitas delas tomam esse conhecimento como um guia ou uma “verdade” a ser seguida, distanciando-se cada vez mais de si mesmas. Tanto que a Mãe 23 postou: “não consigo me posicionar não sei se por medo das críticas ou se por ainda errar muito e *muitas vezes não praticar o q diz nos livros*” (grifos nossos).

Ora, essa necessidade das mães já era reconhecida por Winnicott (1986/2011, p. 121) quando, em uma de suas palestras na rádio BBC de Londres, em 1957, disse:

A jovem mãe precisa de proteção e informação; precisa do melhor que a ciência médica pode oferecer em termos de cuidados corporais e prevenção de acidentes evitáveis. Ela precisa de um médico e de uma enfermeira que conheça e em quem deposite confiança. Precisa da devoção de um marido, e de experiências sexuais satisfatórias. Não, a jovem mãe não é uma pessoa que usualmente aprende através dos livros.

Winnicott acredita que as mães já possuíam um saber materno e que precisavam de um médico, de uma enfermeira e do marido apenas como rede de apoio, pessoas de sua confiança.

Furedi (2008) sustenta que os especialistas construíram a ideia de que os pais são incompetentes para cuidar de seus filhos, o que tem enfraquecido sua autoridade e sua autoconfiança. Dessa forma, os pais procuram outras fontes de autoridade, como professores, terapeutas e especialistas em educação para orientá-los a cumprir a sua responsabilidade parental.

No entanto, nem tudo que é aprendido pode ser ensinado. E, nesse sentido, o pensamento de Furedi está alinhado às ideias de Winnicott. Furedi (2008) afirma que a parentalidade não pode ser ensinada, porque diz respeito a uma relação íntima, na qual as pessoas aprendem com a própria experiência de dor e alegria. O que pode ser ensinado são práticas, recomendações sobre saúde, nutrição, desenvolvimento infantil. Mas não existem especialistas sobre relações. Os pais são as pessoas mais adequadas para saberem o que é o melhor para os seus filhos.

Para que a mãe se aproprie da sua maternagem e se sinta segura para se posicionar perante o outro com seu saber, é preciso que tenha uma experiência corporal com seu bebê, que se identifique com ele, que o conheça e saiba do que ele precisa. Para se

sentir segura como mãe, há um processo a ser construído na relação com o bebê, de poder ser capaz de estar disponível física e emocionalmente para cuidar do outro, suportando todos os eventos imprevisíveis.

pensar a entrada na posição parental como um mergulho que envolve solidão e risco. Um passo que implica a disposição para, a partir da relação com o filho, lançar-se a uma reorganização existencial que terá a criança como importante ponto de ancoragem – afinal, independentemente do laço estabelecido, só se pode ser pai ou mãe de alguém. O que há de se desdobrar a partir daí não se sabe de antemão; sabe-se, porém, que não há volta para atrás, nem possibilidade de inverter o curso das posições em jogo: primeiro é preciso entrar na posição parental, para somente depois experimentá-la. (GARRAFA, 2020, p. 58)

Como bem afirmou Garrafa (2020), antes de tudo, é necessário que os pais assumam o lugar da paternidade e da maternidade e toda a responsabilidade que lhes corresponde para depois experienciar essa nova posição na existência. Além disso, a parentalidade, por si só, é uma oportunidade de transformação pessoal para o indivíduo a partir da relação com o filho.

O julgamento sempre fez parte da vida das mães, seja pelo modo como cuidam de seus filhos, pelas escolhas que fazem ou pelas condutas que adotam. Porém, no mundo globalizado, digitalizado e transparente, em que a privacidade é relativizada pelas câmeras e pelos algoritmos, as mães estão mais expostas ao julgamento da sociedade, da família e das outras mulheres.

As mães que vivem no mundo digital como um reflexo ou uma edição de sua vida privada são alvos fáceis do julgamento do público que atingem.

Post:¹⁰

Mãe 26 (03/07/2020) [Amamentação prolongada]

“Deixa eu tomar mais um golinho de leite, mamãe”; “O outro lado, esse num tá gotoso”; “Abaaaco de tetê”...

Essas e outras pérolas só quem amamenta criança “grande” ouve. A OMS recomenda que a amamentação seja exclusiva até 6 meses e que siga de forma complementar até 2 anos ou mais. Mas infelizmente nossa cultura ainda carrega um grande preconceito ao ver um bebê que já caminha e fala mamando no peito.

10 Acesso em: 25 maio 2021.

“Vai ficar mal acostumado!” “Vai ficar dependente!” “O leite virou água!” Essas são só algumas das coisas, entre tantas outras, que se ouve por aí, mas que não passam de mitos e preconceitos. Em primeiro lugar, o leite materno continua cheio de nutrientes. De acordo com pesquisadores, no segundo ano de vida ele pode suprir cerca de 1/3 da necessidade energética, aproximadamente 50% da necessidade de vitamina A, e quase tudo de vitamina C. Além, é claro, da proteção que continuará oferecendo contra doenças infecciosas.

Além disso, é válido lembrar que peito não é só alimento, mas também conforto e segurança, sem contar que alivia dores e estresse. E ao contrário do que algumas pessoas dizem, isso não deixa a criança dependente. Ela ainda está aprendendo a se autorregular emocionalmente, e até por volta dos 5 anos precisam da ajuda de alguém para se acalmar. Mamar é só uma maneira instintiva para tal.

Ou seja, a amamentação prolongada, para além dos 2 anos, tem sim inúmeros benefícios para a dupla mãe-bebê. O único problema que as mães enfrentam é o julgamento, proveniente normalmente de falta de informação.

E qual o limite? Estudos indicam que o desmame natural acontece entre 2,5 e 7 anos. Mas nem tudo, quando se trata de seres humanos, é só biologia, certo? Nossas escolhas não são somente baseadas no que é natural, mas também nas nossas vivências psíquicas e sociais. Por isso, ninguém melhor do que a dupla em questão para decidir que o momento chegou. E até lá, curtir muito esse momento tão único e especial (e por vezes divertido) que é amamentar uma criança falante.

Comentários:

Mãe 27: *Parabens a todas vocês que podem e querem amamentar seus filhinhos, é por aí, sempre no tempo da dupla.*

Mãe 28: *To nem ai amamentei ate os 4 anos e dava mama na hora que ela pedia em qq lugar hoje e uma menina linda, esperta, extrovertida, independente e inteligente de 6 anos. Esse povo fala demais.*

Mãe 29: *Tão bom ler isso e se sentir apoiada, minha bebê tem 23 meses e a pressão pro desmame tá forte e eu e ela amamos nosso momento juntas.*

Apesar de a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendar a amamentação dos bebês até 2 anos ou mais, não estabelece uma data limite para interromper a amamentação, deixando essa decisão para as mães.

Alguns fenômenos virtuais têm caracterizado a interação social na contemporaneidade, dentre eles a internet como um tribunal de juízes não togados e a naturalização do ódio nas redes sociais. Desses fenômenos decorrem as práticas de pré-julgamentos imediatistas e o linchamento virtual, que frequentemente provocam danos psíquicos às vítimas.

No entanto, o fato de as mães estarem em um grupo de maternidade, com a mediação de outras mulheres também mães que controlam os *posts* e os conteúdos, faz com que esses fenômenos desagradáveis sejam evitados. Nota-se, portanto, que, apesar de haver uma exposição da intimidade pessoal, há também certa proteção e acolhimento do que circula no grupo.

4.6 FRUSTRAÇÃO

*Post:*¹¹

Mãe 30 (20/12/2019):

Boa tarde. Eu não sei qual grupo teria para falar sobre isso. Mas preciso colocar pra fora a frustração com meu corpo que estou sentindo. Eu tentei construir na minha cabeça a narrativa de aceitação de meu corpo, que ele só existe pq minha filha existe, mas na maior parte do tempo me sinto mal. Eu tenho vergonha de usar todas as minhas roupas. Não me sinto bem em mais nada. Minha barriga está flácida é grande. Já até me perguntaram se estou grávida de novo em um casamento que estava usando um vestido. Eu não sei se tenho diastese pq não consigo cuidar de mim. Queria fazer academia ou exercícios em casa mas estou exausta com o maternar. Fico vendo mulheres que emagrecem com a amamentação e me sinto frustrada. Ao mesmo tempo me sinto mal por perceber que estou sendo gordofóbica comigo mesma. Sempre fui gorda mas o que me incomoda agora é o aspecto da minha barriga. Sinto que não posso mais exercer meu lado mulher. Foi como se tivesse morrido e me tivesse sobrado só o lado de ser mãe. As pessoas dizem que por minha filha ter ainda 8 meses pode ser que melhore. Mas estou muito deprimida e não tenho vontade de me arrumar nem de sair de casa.

11 Acesso em: 25 maio 2021.

Comentários:

Mãe 31: *O maternar é muito puxado mesmo, e quanto a essas mulheres que voltam a malhar, pode ter ctza que nas redes sociais só postam o lado bom, pra gente achar que é td muito fácil! O corpo demora muito pra desinchar é normal! Mas se vai te fazer bem faça algo por vc, atividade física realmente melhora o humor a auto estima, mas não se cobre tanto e nunca, jamais se compare a ninguém, acolha a vc, seus sentimentos, suas marcas, seu corpo fazem parte da nova mulher que vc se tornou e saiba que é assim com td mundo, vc não esta sozinha! um grande abraço! Você é linda!*

Mãe 32: *Estou assim TB, minha filha tem 2 anos e até agora n consegui me organizar, sem rede de apoio em casa fica bem difícil, eu ainda tenho diástase, e n consigo cuidar dela. mas tudo passa, vai dá tudo certo. obs: a minha diástase é comprovada pelo médico e exames.*

Esse post aborda o descontentamento das mães com o próprio corpo e a autoimagem no pós-parto.

Nos tempos em que Winnicott vivia, o imperativo de beleza das mulheres promovia os ciúmes umas das outras, e elas se sentiam culpadas por isso. Tinham que se mostrar jovens e bonitas, negando a passagem do tempo mesmo ao lado de suas filhas.

No mundo contemporâneo, as tiranias da beleza capturam todas as idades, impondo um ideal de corpo magro, esbelto, firme e jovem. As intervenções cirúrgicas e os procedimentos estéticos ganham expressividade rapidamente, e pessoas cada vez mais jovens procuram esses recursos.

É possível, atualmente, transformar o corpo inteiro, dada a sofisticação da tecnologia:

A cultura da beleza-destino (a beleza como “dom divino” ou dádiva da natureza) foi substituída pelo reinado da beleza voluntarista, por uma cultura ativista e performativa da beleza, expressão estética do princípio moderno de domínio ilimitado do mundo e de livre posse de si. (LIPOVETSKY, 2015, pp. 352-353)

O padrão estético internacional atual é um corpo longilíneo, sexy, que faz dieta e exercícios físicos, usa maquiagem e produtos de cuidados diários e faz cirurgia estética.

Os inúmeros recursos tecnológicos que existem nas mídias digitais têm a capacidade de alterar, corrigir, melhorar, “photoshopar” as imagens a fim de atingir uma

perfeição editada. Isso tem provocado muitas insatisfações, frustrações e até depressão em pessoas que se comparam com essas imagens perfeitas impossíveis de se alcançar.

No universo das mães, o imperativo da beleza é muito duro e injusto. Não faltam fotos espalhadas na internet de mães que acabaram de parir seus filhos e estão sem barriga. Celebidades ou mulheres famosas em um curto período de tempo pós-parto eliminam os quilos adquiridos na gravidez. No ambiente digital, fica estampado somente o resultado de uma mãe com um corpo perfeito; no entanto, são desconsiderados tanto o trabalho envolvido para isso quanto as facilidades adotadas.

As mães, fragilizadas pelo puerpério e por cuidar de um bebê, se sentem frustradas, impotentes e inferiores às demais porque seus corpos não retornam ao estado pré-gravídico no mesmo tempo em que as outras. Essa comparação, alimentada pela exibição dos corpos desnudos e editados nas redes sociais, contribui para o mal-estar das mães e o agravamento de sua saúde mental.

4.7 CIÚMES

Post:¹²

Mãe 33 (02/10/2020):

Olá meninas me chamo Mãe 33 sou mãe de X de 19 de anos, de Y com 8 anos e do caçula W com 71 dias ... Gostaria de saber como vcs tem lidado com o ciúmes ... o Y adora o irmão quer ajudar pega no colo mas eu percebi que agora ele tem ficado com ciúmes do irmão mais novo...Ele aperta..., Cutuca quando está dormindo...Emburra a chupeta na boca do bebê com força, Quando ele tomou vacina na perninha ele apertou a perna do irmão, quer pular na cama quando o irmão está deitado ...não posso ficar longe tem que vigiar a todo instante...Quando eu pergunto para o Y pq o irmão está chorando ele diz que foi se querer...Esses dias eu cochilei com o bebê no colo e acordei no exato momento em que o estava pronto para apertar a bochecha do pequeno...Ele até tomou um susto na hora que me viu olhando para ele...vendo o que ele iria fazer...De verdade já conversei...Ele chora fala que não é um bom irmão que eu e o papai não gostamos mais dele que ele não é bom filho.. faz um drama...Mas sempre colocamos o Y junto de tudo que fazemos...O pai toma banho com os dois...Brinca com ele sempre quando está em casa... eu tbm estou junto dou carinho leio história antes de dormir...Assistimos as aulas da escola ajudo nas lições pq ele tem TDAH...Mas percebi que o ciúmes

12 Acesso em: 25 maio 2021.

tem ficado mais intenso e não sei mais como lidar para ajudá-lo. Agradeço o espaço para desabafar...

Comentários:

Mãe 34: *E super normal o irmão sentir ciúmes. Não adianta tentar se convencer de que os dois são tratados da mesma maneira pq a gente sabe que não. O mais novo necessita de maiores cuidados. Todos papericam um novo bebê, até nossa cultura já é de levar um presentinho para o recém nascido. Mas o mais velho sente essa atenção excessiva. Nós tbm somos assim. Quando nossa amiga faz uma nova amizade ficamos com ciúmes, quando nosso companheiro (a) surge com um novo amigo (a) ou uma nova atividade que antes não existia. Tbm lidamos com essas frustrações. E não, não é birra. Ele está confuso com o que sente pq ele mesmo disse que não era um bom irmão, pq ele percebeu que sentiu vontade de machuca-lo. A diferença é que você pode validar esse sentimento oi tentar fingir que não está acontecendo. Eu sugeriria para que você ajudasse seu filho a dar nome a esses sentimentos que ele está sentindo. Dizer a ele que ele está com raiva, ciúmes e etc. E falar a ele, mostrar fotos dele bebê, de dizer como ele era vulnerável tbm e precisava de cuidados assim como o novo irmão precisa. Só que dessa vez ele pode ajudar com isso. E é fundamental ter momentos só com ele, sem o pequeno. Lembrei que que até os maridos sentem ciúmes do filho novo. Todos nos falamos pra termos momentos a sós com o marido, mas esquecem que os filhos anteriores tbm precisam ter esse momento. Ficam bem e desejo tudo de melhor.*

Mãe 35: *Vcs tem um tempo só pra ele? Tipo, vc fica com o pequeno e o pai vai ficar com ele, tomar banho com ele, jogar um joguinho com ele. Depois o pai fica com o pequeno e é a sua vez de tirar uma horinha só pra ele. O comentário da Mãe 99 está sensacional. Vai dar tudo certo. Bjs.*

Nesse grupo de mães, o ciúme se manifestou nos seguintes contextos: algumas mães disseram se preocupar com o ciúme do primogênito em relação ao nascimento do segundo filho, de como a vida se sucederá com os dois filhos; o relato da regressão do filho mais velho ao voltar a urinar na roupa e na cama após o desfralde e o ciúme do irmãozinho mais novo; o ciúme entre os membros da família (exemplo: enteada com ciúme do padrasto); o ciúme em relação ao bebê.

A dificuldade da mãe em lidar com a situação de ciúmes dos filhos faz com que recalque ainda mais a sua existência, não admitindo a sua manifestação de maneira

natural. Para Winnicott (1960/1999), o ciúme é normal e saudável, próprio daquele que ama.

De acordo com Winnicott (1964/2013), há mais pontos positivos em ter uma família grande do que ter um filho único. O filho único não tem companhia para brincar e sua vida fica mais reduzida por não ter irmãos mais velhos e mais novos com quem se relacionar. Dessa forma, a criança não desenvolve as brincadeiras com outras crianças próximas, deixando de experimentar o prazer infantil da irresponsabilidade, da inconsequência e da impulsividade para ajudar a mãe nas tarefas domésticas e utilizar as ferramentas do pai.

Além disso, o filho único perde a oportunidade de testemunhar a rica experiência de ver a mãe cuidando de um bebê e depois retornar ao seu próprio eixo. Perde a oportunidade de sentir crescer o ódio dentro de si por seu irmão mais novo que, com o tempo, se transformará em amor. Ou seja, o filho único é alguém que tem mais dificuldade de lidar com a própria agressividade, pois tem menos ocasiões para manifestar seu ódio por meio das brincadeiras.

Um novo filho confirma a paixão que existe entre os pais, trazendo uma sensação de segurança, união e de estrutura familiar. Também confere a possibilidade de vivenciar diferentes papéis nas relações dentro da família de um modo informal, adquirindo experiência prática com os outros. Na velhice dos pais, pode dividir a responsabilidade pelo cuidado e pela assistência deles com os irmãos.

Os comentários das Mães 34 e 35 sugerem à mãe que pede ajuda que tenha momentos apenas com o filho mais velho para atenuar os ciúmes que sente do irmão. Mas, será que isso é possível e viável para a realidade daquela mãe?

4.8 INTUIÇÃO

*Post:*¹³

Mãe 36 (07/04/2020):

Olá , grupo. Queria deixar aqui meu relato e agradecimento. O Z. completa seis meses, em LM e LD. No início foi uma batalha, a hora de amamentar eu chamava de “batalha das tetas”, ele chorava muito e brigava. Isso aconteceu, pois no hospital uma enfermeira me disse que eu não tinha leite e que ele não estava com a pega certa, fez um terror básico e com a perda de mais de 15% do peso de nascimento, meu esposo e eu ficamos em pânico. Quando fui para casa, totalmente sem orientação, dei uma mamadeira de suplemento, o resultado foi de que ele não queria mais peito. Chorei por mais de duas semanas, ele perdeu mais peso, a pediatra começou a se preocupar e pediu para

13 Acesso em: 25 maio 2021.

eu seguir com o suplemento. Mas alguma coisa me dizia para não fazer isso, aí encontrei o grupo e comecei a entender o que estava acontecendo, mesmo sem pedir ajuda a recebi por meio das histórias postadas. Procurei o banco de leite tbm. Resultado, em um mês ele ganhou mais de 1kg, só no LM, assim respirei aliviada. Hoje ele é um penduricalho de seio, ama um tetê e agora está aceitando bem a IA. Então mamães que acabaram de ter seus bebês, SIGAM SUA INTUIÇÃO e saibam que toda nossa perseverança vale a pena. Obrigada grupo, seus concelhos tem me auxiliado a me sentir menos culpada, mais forte e me sentir mais acolhida na maternagem.

Comentários:

Mãe 37: *É realmente lamentável como os profissionais de saúde dão primazia a forma mais fácil. Não a melhor, mas a mais fácil. Tbm fui muito desestimulada pelos médicos e enfermeiros a amamentar. “A criança cansa e perde peso, aí fica suscetível a infecção” era o que eu mais ouvia!! Nós, mães, na maioria das vezes precisamos seguir nossos instintos, ainda bem que vc é uma guerreira.*

Mãe 38: *Toda vez que leio, histórias de amamentação é lindo demais. Amamentar é um ato político, é informação, é persistência. Lindo demais, por aqui estamos chegando aos 3 anos de amamentação em LD. Estamos juntas nessa!*

Mãe 39: *[...] a minha U. tbm segue aqui com 2a9m firme e forte. É o amor da vida dela os peitinhos!*

Mãe 40: *O meu 3 anos e meio. Amamento mesmo.*

O *post* da Mãe 36 é um alerta às outras mães para seguirem sua intuição quando tiverem de decidir algo em relação a seus filhos. A intuição contém uma sabedoria materna, pois são as mães que conhecem melhor os filhos e suas necessidades.

No entanto, os três comentários relacionados ao *post* contêm um tom professoral sobre a amamentação, como se uma amamentação prolongada fosse sinal de uma boa maternagem, de bons cuidados: *“ainda bem que vc é uma guerreira”*; *“Amamentar é um ato político, é informação, é persistência [...] por aqui estamos chegando aos 3 anos de alimentação em LD”*,¹⁴ *“a minha U. segue aqui com 2 a9m firme e forte”*; *“O meu 3 anos e meio. Amamento mesmo”* (grifos nossos).

Além disso, nesse caso, parece-me que implicitamente há uma comparação/competição sobre quem amamenta por mais tempo. Ora, com essa abordagem, como se sente a integrante do grupo que presencia esses diálogos e que por vários motivos não

tenha conseguido amamentar seu filho? Será que essa rede de apoio virtual cumpre, de fato, a regra número um, que é a empatia?

É preciso lembrar que Winnicott (1968/2020a) não romantiza a amamentação como ocorre hoje no discurso social contemporâneo, em que há uma ditadura do peito. O autor considera a amamentação importante, porém também acredita que há outras formas de se criar intimidade entre mãe e bebê. Nos casos em que a mãe tinha dificuldades de amamentar seu bebê, era preferível que oferecesse a mamadeira a ter de forçar a mãe a amamentá-lo. Nesse ato, a mãe troca olhares com seu filho e segura-o com cuidado e segurança, estabelecendo um contato físico entre os dois.

Ao narrar suas dificuldades em amamentar, a Mãe 36 aconselha as mães do grupo a seguirem a sua intuição. Sobre a intuição, as outras mães não se manifestam, apenas se mostrando a favor da amamentação.

O material selecionado levou-nos a refletir sobre a ética implícita nos *posts*. Percebemos que há uma ética da partilha e do desabafo, na qual as mães se propõem a utilizar o espaço da internet (grupo de mães do Facebook) com fins de solicitar conselhos, informações, ajuda, dicas, atendendo à necessidade humana de se comunicar com o outro:

Mãe 1: “*Vim pedir conselhos e experiências de mães que escolheram parar de trabalhar para ficar com os filhos*” (grifos nossos).

Mãe 6: “*Me perdoem pelo texto enorme, mas estou MT angustiada e precisava desabafar*” (grifos nossos).

Mãe 9: “*Oi gente, venho triste, atrasada e sem chão pedir ajuda sobre uma falta de conexão entre mãe e filha. [...] queria apenas alguma luz sobre como fazer uma filha gostar de mim, [...] Alguém tem alguma dica de como criar algum laço?*” (grifos nossos).

Mãe 20: “*Hoje meu pedido é de orientação de como deixar a rotina menos pesada e principalmente dividir a atenção na medida certa, pois entendo que cada um dentro da sua idade tem uma necessidade diferente, mas quais?*” (grifos nossos).

Mãe 23: “*não consigo me posicionar não sei se por medo das críticas ou se por ainda errar muito [...] O que acham?*”

Mãe 30: “*Eu não sei qual grupo teria para falar sobre isso. Mas preciso colocar pra fora a frustração com meu corpo que estou sentindo. Eu tentei construir na minha cabeça a narrativa de aceitação de meu corpo, que ele só existe pq minha filha existe, mas na maior parte do tempo me sinto mal. Eu tenho vergonha de usar todas as minhas roupas. Não me sinto bem em mais nada*”.

Mãe 33: “*Gostaria de saber como vcs tem lidado com o ciúmes... Mas percebi que o ciúmes tem ficado mais intenso e não sei mais como lidar para ajudá-lo. Agradeço o espaço para desabafar...*” (grifos nossos).

Mãe 36: “*Olá grupo, queria deixa aqui meu relato e agradecimento. [...] Então mães que acabaram de ter seus bebês, SIGAM SUA INTUIÇÃO e saibam que toda nossa perseverança vale a pena. Obrigada grupo, seus concelhos têm me auxiliado a*

me sentir menos culpada, mais forte e me sentir mais acolhida na maternagem” (grifos nossos).

O grupo de mães exerce uma função de autoajuda para as mães, sendo uma rede de apoio mútuo em que as mulheres se posicionam de forma igualitária, expressando suas angústias e desabafando suas questões pessoais. Há uma troca de informações e experiências entre iguais (mães), o que de certa maneira as humaniza ao se depararem com as histórias umas das outras, que são semelhantes ou mais complicadas que as suas.

De outra parte, observamos que as perguntas das mães revelam um desespero, na tentativa de buscarem fora de si, no grupo, respostas que satisfaçam ao ideal de mãe completa e eliminem as angústias da maternidade, como se isso fosse possível.

As mães frustradas com a experiência da maternidade parecem buscar alguma validação, algum direcionamento do que é ser mãe no grupo, acreditando em soluções rápidas, completas e definitivas.

A competição e a comparação estabelecidas e retroalimentadas pelas próprias mães estão a serviço de uma onipotência materna, existe na maternidade a oportunidade de a mãe ser valorizada de alguma forma, já que socialmente é ainda tão desqualificada por ser mulher. Tanto é assim que algumas mulheres aternodefendem esse lugar de mãe como uma identidade fixa e definidora do que são, não aceitando opiniões de outras mulheres que não sejam mães.

É curioso notar que, muito embora estejamos considerando aqui a mulher-mãe contemporânea dos *posts*, alguns sofrimentos são comuns aos das mães da época de Winnicott, como : sentimento de culpa, idealização do amor materno, cansaço materno, insegurança, sensibilidade a críticas e julgamento, ciúmes e frustração.

Outra observação importante é como as mães estão impregnadas pelas práticas neoliberais de trabalho e performance, na medida em que o termo *burnout*, utilizado inicialmente no meio corporativo, é adotado aqui como efeito do exercício exaustivo da maternidade. Muito embora saibamos que cuidar de filhos é mesmo um trabalho intenso, constante e desafiador, há uma reprodução do modelo de trabalho atual, em que se exige performance e produtividade nos cuidados maternos.

Diante disso, é impossível hoje falar de mãe, maternidade e cuidados maternos sem considerar os ditames do social, do capitalismo e do patriarcado ainda vigente, além das influências das mídias digitais. Também não podemos esperar que as mães ofereçam para os filhos muita presença com os filhos, porque isso não se sustenta na contemporaneidade, tal como na época do pós-Segunda Guerra.

Talvez os desabafos maternos não encontrem solução e só sirvam como manutenção das queixas das mães. Talvez os desabafos maternos sejam a única possibilidade, ainda que incipiente, de alguma elaboração das angústias das mães. E, nesse sentido, o grupo pode ser um primeiro espaço ou um dos espaços possíveis para as mães construir a própria identidade materna, o seu percurso de aprendizado como mães ou mesmo a conscientização de que certas angústias fazem parte da maternidade e da vida.